

## 2

# Dos primeiros povoamentos às ocupações ceramistas em abrigos rupestres do Mato Grosso

Águeda Vilhena Vialou  
Denis Vialou

## 1 Introdução

O estudo da Pré-História no centro do continente sul-americano é bem tardio em relação ao de várias outras regiões do Brasil: iniciou-se de maneira regular somente no último quartel do século XX (MILLER 1987; SCHMITZ, 1986; VIALOU D., 1983/1984; VIALOU A., 1987; VIALOU A.; VIALOU D., 1989; WÜRST, 1987). Assim sendo, as pesquisas no centro-oeste brasileiro estão nos seus primórdios e seus resultados são ainda parciais.

Nossa experiência de 25 anos de campo no Estado do Mato Grosso em duas áreas distantes entre si apenas 250 km revelou presenças de ocupações de períodos diferentes.

Nosso objetivo, nessa síntese, é o de realçar as características notáveis de cada conjunto de ocupações e seus aspectos distintos em cronologias que praticamente não se superpõem: povoamentos antigos em abrigo rupestre calcário e povoamentos recentes em abrigos rupestres areníticos.

## 2 Localização e meio-ambiente

Área da Serra das Araras - localizada no sul do Estado de Mato Grosso - é constituída pelo dobramento sinclinal do pré-cambriano

de formação calcária com camadas intercaladas de arenito. O abrigo de Santa Elina (lat sul 15° 27', long. Oeste 56° 46'), 60 m de comprimento por 3 a 5 m de profundidade, com uma parede de inclinação de 70°, totalmente ornada de representações rupes- tres, encontra-se a apenas 50 m de um riacho, hoje intermitente em função do fluxo das nascentes provenientes da serra que fica em frente ao abrigo, deixando um espaço de vale sobre 200 m de largura. O abrigo está situado na primeira cortina dessa cadeia de formações calcárias e areníticas, orientada sudoeste-nordeste sobre 500 km de extensão e 50 km no sentido de sua largura.

Essa formação única no centro do continente propicia o desenvolvimento de uma flora serrana que se distingue da vegetação circundante do cerrado. De clima mais ameno que na bacia cuiabana, da qual os abordes dessa serra faz parte, e conseqüentemente do Pantanal, a apenas 80 km de distância, a serra das Araras constitui e constituiu um espaço de refúgio para a fauna de grandes mamíferos. A serra atinge 700 m de desnível já na segunda série dessa cadeia montanhosa. Sua travessia é quase impraticável, formando verdadeiros obstáculos, dificultando penetrações e contatos humanos.

A área da Serra São Jerônimo está situada na formação Furnas, correspondente aos depósitos sedimentares arenosos das cuevas em sua extensão máxima para o oeste pela bacia do Paraná em direção à bacia do Paraguai/Cuiabá. A **área da Cidade de Pedra** (lat. Sul 16° 30' e long. Oeste 54° 50' – 55°), por nós delimitada sobre 400 km<sup>2</sup>, foi um território inocupado durante o século XX e ainda mesmo nos dias de hoje. Esse espaço se define de norte para sul pelo rio Vermelho que circunscreve a área. Pela sua margem esquerda, as formações areníticas são extremamente escarpadas, situadas por patamares, indo de altitudes inferiores a 200 m no nível do rio, até 600 m no platô. Os abrigos rupestres encontram-se em morros ruiformes, ora agrupados ora isolados, e também em formações maciças, nessa paisagem acidentada e inapropriada a qualquer

cultura moderna; daí o contraste dessa área de vegetação luxuriante com os grandes espaços cultivados das enormes fazendas agrícolas instaladas nas terras planas do planalto. As formações areníticas da serra constituem os últimos relevos que dominam a paisagem aberta para a planície sem limites do Pantanal próximo à área da Cidade de Pedra, em seu limite leste quando o rio Vermelho se encontra com o São Lourenço.

### 3 Arqueologia

Os sítios arqueológicos estudados dessas serras, **abrigo Santa Elina**, no município de Jangada, e os **abrigos da Cidade de Pedra**, no município de Rondonópolis, encontram-se em áreas não frequentadas atualmente por razões de improdutividade e de isolamento. Assim sendo, a preservação dos sítios manteve-se consideravelmente intacta de qualquer alteração humana ou animal. Somente as intempéries, os artrópodes e os microorganismos puderam afetar a conservação ou não das representações rupestres.

Os sítios, recobertos pelas pinturas, desenhos ou gravuras, são abrigos, em grande parte, com uma sedimentação que permitiu a conservação dos vestígios das passagens de seus moradores.

O registro das ocupações pré-históricas pelas escavações sistemáticas, pelo estudo do paleo-ambiente, da geologia, sedimentologia, botânica ... conferiu a esses abrigos um estudo estratigráfico minucioso associando o nível arqueológico à cronologia e à organização espacial do solo habitacional.

Foi possível efetuar a reconstituição de certas ocupações de tão distintos ambientes geológicos :

- o meio-ambiente cárstico de Santa Elina, a localidade privilegiada desse abrigo e a proteção dos depósitos sedimentares da área habitacional por duas paredes

calcárias permitiram a perfeita conservação de seus vestígios ósseos e vegetais. As escavações por decapagens em estratigrafia natural, efetuadas durante 20 anos de pesquisa no abrigo, retiraram 1 m de sedimento em uma área de 20 m de comprimento por 4 a 3 m de largura. Na totalidade desses 80 m<sup>2</sup>; foram identificados os níveis recentes de ocupação. Por outro lado, os níveis mais profundos, os mais antigos, foram escavados num espaço contíguo ao setor leste do abrigo, correspondente aos 10 metros iniciais (10 x 3 x 4 m de profundidade);

- o ambiente arenítico da Cidade de Pedra, as feições rui-niformes em espaços escalonados, a abertura da maior parte dos abrigos receptiva aos fenômenos pluviais de encharcamento dos solos, acrescido, em alguns casos, pela proximidade de riachos, conferem a esses sítios uma fraca possibilidade de conservação de vestígios orgânicos. Dois abrigos foram escavados, Vermelhos (DEBLASIS, 1997; 2006), Cipó (MARTINS, 2005; WESOLOWSKI, 2005), e quatro estão sendo escavados em Ferraz Egreja, Antiqueira, Arqueiros e Tocaçu dos Morcegos (VIALOU D., 1983/1984; VIALOU A., 2006). Em cinco desses abrigos verificou-se um depósito homogêneo, sempre de arenito, enquanto que os depósitos sedimentares da caverna-abrigo Antiqueira se mostraram com fases de encobrimentos vegetais de maneira constante em função dos períodos de pluviosidade e das estações do ano. Para todas as escavações da Cidade de Pedra, sempre por decapagens e em estratigrafia natural, a referência estratigráfica das ocupações foi estabelecida unicamente pelos vestígios, uma vez que as informações sedimentológicas revelaram, a cada vez, que se tratava de depósitos arenosos homogêneos.

## 4 Cronoestratigrafia e arqueologia

### 4.1 As ocupações pleistocênicas e do início do Holoceno referem-se unicamente ao abrigo de Santa Elina

- Pleistoceno - 25000 anos BP

Entre 400 e 260 cm de profundidade, as camadas sedimentológicas contêm blocos de grande tamanho num depósito coluvial arenoso e pedregoso. Ao redor de 300 cm, um nível arqueológico se destaca pelo aparecimento de vestígios ósseos de megafauna extinta: vértebras, costelas, fragmentos cranianos, metade de mandíbula, além de milhares de osteodermos de *Glossotherium Letsomi* (CARTELLE, 2005). Nesse mesmo nível, que se caracteriza por uma coloração levemente acinzentada e com presença de partículas de carvões, está presente um material lítico trazido para o abrigo e aí lascado e retocado.

A descoberta de fauna fóssil associada à presença humana, através de seus artefatos líticos e da transformação de um dos ossículos de sua derme - configurando um possível adorno pelo efeito da abrasão confeccionada nas suas duas faces, normalmente convexas, resultando em faces planas e com bordos simétricos – confere ao abrigo de Santa Elina um caráter excepcional entre os sítios arqueológicos brasileiros.

A fim de obter as idades desses períodos pré-históricos, recorreremos a três métodos de datações, de três diferentes laboratórios e correspondentes a três materiais de análise também distintos. Essa conjunção de diferentes competências fez com que pela primeira vez tenha havido no Brasil a obtenção de idades, todas elas concordantes, em torno de 25000 anos BP (*vide* Tabela 1). A datação do osso de glossotério foi feita pelo método de Urânio-Tório, U-Th, pelo laboratório do Muséum National d'Histoire Naturelle (França) (FALGUÈRES, 2005); a datação do sedimento, pelo quartzo, método de luminescência óptica esti-

mulada, OSL, pelo laboratório da Universidade de Washington, USA (FEATHERS, 2005), e a datação das partículas de carvão pelo método de carbono acelerado, SMA, pelo Laboratoire des Sciences du Climat et de l'Environnement – LSCEA (França) (VALLADAS, 2005).

Este nível arqueológico é notável não somente por seus vestígios excepcionais, utensílios líticos associados à fauna extinta, mas por sua posição estratigráfica bem definida. A fauna, representada exclusivamente pela parte dianteira de só um indivíduo, ocorre abundante unicamente nessa camada. O animal deve ter sido caçado ou recuperado nos arredores e a parte que interessava ao homem pré-histórico foi trazida ao hábitat, compreendendo a pele do animal (não conservada), mas identificada pelo posicionamento dos milhares de osteodermos distribuídos de forma organizada.

- Holoceno início – 10000 e 9000 anos BP

A 200 cm de profundidade e a 100 cm mais alto na sequência estratigráfica que o nível precedente, um novo nível arqueológico ocorre após um depósito arenoso composto de areias grosseiras, de pedras e de alguns blocos de calcário. Ocorre novamente a presença de fauna fóssil - ossos longos, ossos chatos, osteodermos por milhares -, mesma espécie que a do nível anterior, *Glossotherium Letsomi* (CARTELLE apud VIALOU A. et al., 1995) num sedimento marcado por uma película de 2 cm de cor cinza acentuada. A indústria lítica de rochas diversificadas, calcário, arenito, sílex e quartzo acompanha a fauna, assim como restos de fogueiras. A quantidade abundante de carvões desse nível estratigráfico permitiu datações radiocarbônicas pelo processo clássico  $^{14}\text{C}$  (FONTUGNE, 2005; FONTUGNE apud VIALOU A. et al., 1995). Foi datada a fauna por U-Th, através de um osteoderma, como no nível de 300 cm de profundidade (FALGUÈRES,

2005; FALGUÈRES apud VIALOU A. et al., 1995). Embora esse período seja amplamente representado na Arqueologia brasileira, Santa Elina continua sendo o único sítio pré-histórico no Brasil onde a coexistência homem-fauna extinta é verificada em perfeita associação estratigráfica e contemporaneidade. As idades obtidas, antes do presente, foram de 10120 anos por  $^{14}\text{C}$ , e de 13000 anos por U-Th, sabendo que a datação por Urânio-Tório estava no limite desse método e que, pelo seu sigma, essa idade está envelhecida em ao menos 2000 anos. Assim sendo, essas duas idades obtidas por  $^{14}\text{C}$  e U-Th não apenas são referentes a vestígios do mesmo nível arqueológico, como são equivalentes.

As evidências dos vestígios fósseis desse período, considerados por alguns autores como transição Pleistoceno-Holoceno, mostram que mesmo tendo terminado o Pleistoceno, a preguiça gigante, megafauna do Centro-oeste que conviveu com o homem, se manteve na Serra das Araras e encontrou aí um refúgio ecológico já no Holoceno antigo.

Outras ocupações se sucedem com idades de 9000 anos até 7000 anos BP sem vestígios de fauna fóssil. O sedimento arenoso é extremamente móvel, sendo o nível de 7000 anos BP o final desse depósito coluvial. Existe uma presença reduzida de micro e macro-fauna da região (FIGUTI, 2005). Os restos vegetais se fazem presentes, frutos e folhas de palmeiras (CECCANTINI, 2005) e um material riquíssimo em carvões para a Antracologia (SCHEEL-YBERT; SOLARI, 2005). O material lítico é composto de artefatos especiais que não foram confeccionados in loco. Enquanto ocorrem excepcionalmente algumas plainas e raspadores em sílex, em arenito zonado e em calcário e também furador em cristal de rocha, as numerosas plaquetas de hematitas trabalhadas e uma dezena de blocos manchados de pigmentos testemunham o emprego intenso da cor vermelha no hábitat.

## 4.2 Holoceno Médio - Esse período agrupa as duas regiões:

- Cidade de Pedra

A caverna-abrigo Cipó teve a identificação muito reduzida, de uma passagem no local há 7000 anos atrás, sem ter havido, em seguida, nenhuma ocupação intermediária até a presença dos enterramentos em urnas, cerâmicas ou não, de 1000 anos atrás (WESOLOWSKI, 2003).

O abrigo Ferraz Egreja teve uma ocupação ainda não datada e que é inferior ao nível de 5.000 anos atrás, sendo que essa antiguidade não pode recuar muito mais, visto que não foram conservados sedimentos mais antigos. As escavações no abrigo, ainda em estudo, têm evidenciado a não conservação de sedimentos junto à laje bem próxima do abrigo, acerca de 1m de sedimentação, conforme o local.

Os Abrigos Vermelhos possuem também uma estratificação de ocupações que remontam a 4.200 anos atrás. Por enquanto, as informações obtidas sobre esses períodos são muito reduzidas, mas fica claro que o homem ocupou essas terras a partir de 7000-5000 anos atrás, podendo já ter marcado seu território rupestre desde esses tempos.

- Santa Elina

Nesses mesmos períodos, o abrigo de Santa Elina continua a ser ocupado de maneira intensa.

6000 anos BP distingue e diferencia o tipo de depósito. De uma sedimentação formada de depósito arenoso coluvial, o abrigo passa a ser constituído por um sedimento pulverulento, formado do pó de calcário, e o depósito não chega a ser pedogeneizado devido a uma sedimentação que é fortemente antropizada, formada de varvões, cinzas e perturbada pelos arranjos e pelas caminhadas de seus moradores.



- As ocupações de 6000 anos BP, várias vezes atestadas por datações  $^{14}\text{C}$ , se distinguem pela organização realizada de seu espaço habitacional: sobre apenas cerca de 40 m<sup>2</sup> (10 x 4m) foram evidenciados 400 blocos de calcário, de forma que se assemelham aos paralelepípedos, distribuídos por todo esse espaço de habitação como uma pavimentação, tendo esses blocos (de medidas médias de 15x 10 x 8 cm) marcas de pigmentos vermelhos devido ao esfregamento das hematitas trazidas abundantemente à moradia para dar cores a objetos e certamente para a realização das centenas de pinturas de sua parede (VIALOU D., 2003; D'ERRICO; VIALOU A., 2007).
- Há evidências também de fogueiras cercadas de pedras, de carvões como refugio, de cinzas e de alguns ossos de pequenos roedores, de aves e mesmo de peixe, fora o número importante de grandes moluscos, *megalobuliminus*, associados às fogueiras.
- Há uma sucessão de ocupações ininterruptas até 2.000 anos atrás, sempre rica em hematitas, em fogueiras construídas por arranjos de pedras, em acúmulos de carvões bem organizados, em vegetais diversos, frutos agrupados e folhas transformadas em objetos de adorno (laços) ou de utilização (como as cestas) (BLANCHOT; AMENOMORI, 2005; TAVEIRA, 2005).
- Existe uma série de madeiras, única em nossa arqueologia brasileira, corresponde a arranjos de estacas. As madeiras, apontadas, finas e alongadas, se apresentam em posição vertical, e graças ao cuidado das escavações, estão fincadas nos solos das ocupações: 84 estacas foram contabilizadas, distribuídas quase que igualmente ao longo das duas paredes do abrigo, e em alguns trechos separando os longos 20 metros da área habitacional. O topo das estacas ocorre com a evidenciação das primeiras

estruturas de fogueiras, por volta de 2.000 anos atrás, sendo que existe uma estratigrafia de sua disposição, onde umas são retiradas e outras aparecem em níveis inferiores, não excedendo 4.000 anos atrás (CECCANTINI, 2002, 2005; KAMASE, 2005).

A sequência de Santa Elina se interrompe no tempo, não registrando a presença de ocupantes nesses últimos dois mil anos. Por essa razão, nada se pode saber sobre o povoamento recente dessas populações do abrigo, visto que ele não foi frequentado no Holoceno recente.

Apesar dos ceramistas encontrados no pediplano cuiabano, em sítios a céu aberto, Santa Elina não tem vestígios, nem dos ceramistas nem de uma continuidade de seus moradores que poderiam ter continuado a frequentar o abrigo e não serem povos ceramistas. O sítio foi abandonado há 2.000 anos atrás, antes ou no momento mesmo do advento da cerâmica na região. Suas últimas estruturas, as dos mais recentes ocupantes, se encontravam preservadas, praticamente intactas no momento de nossas primeiras escavações, apenas cobertas por uma ligeira camada de sedimento pulverulento, de folhas e de plaquetas provenientes da descamação da parede ornada e que abriga as ocupações.

#### **4.3 Holoceno recente: esse período refere-se à totalidade dos abrigos rupestres da Cidade de Pedra e também aos sítios ribeirinhos a céu aberto**

Considerando os sítios rupestres e de habitação, Abrigos Vermelhos e Ferraz Igreja, nota-se que não há separação, no sentido de interrupção de ocupações de cinco, quatro e três mil anos com as recentes de dois mil anos até o período sub-atual. A diferença entre esses dois períodos é baseada unicamente na

presença da cerâmica nos habitats. O momento de seu aparecimento foi há 2.200 anos, aproximadamente.

A cerâmica ocorre nas habitações desses abrigos com fragmentos de pequeno tamanho. Nos Abrigos Vermelhos, sua presença é reduzida a algumas dezenas de fragmentos; já em Ferraz Egreja, os dois milhares de fragmentos, nos dois mil anos de ocupações, em relação aos catorze mil líticos entre lascas, estilhas, fragmentos e utensílios representam, apesar de seu pequeno número, não só sua presença em todos esses níveis, como uma grande variedade de formas, estilos e decorações (MONTEIRO, 2006).

Surpreendente nessa relação classificatória de pré-ceramistas e de ceramistas é que nos abrigos onde ocorre essa continuidade de ocupações há igualmente a persistência de um certo modo de subsistência baseado na escolha de seus instrumentos líticos, mantendo o mesmo *savoir-faire* de tecnologia litica.

Evidentemente novos tipos de instrumentos são introduzidos e adaptados às atividades de uma horticultura incipiente, como as grandes peças, as lâminas de machado polidas ou simplesmente lascadas. Esses artefatos são diagnósticos de um período e de sua associação à presença da cerâmica. No entanto, a arte de lascar, de confeccionar raspadores com retoques em escamas, furadores e denticulados persiste ao longo de toda essa época nos abrigos de moradia, afetada ou não pelo advento da cerâmica. São notáveis também a proporção e a intensidade das ações de lascar, percebidas pelo número importante de todos os detritos do lascamento, presentes nos *habitat*. Graças a esse material temos os testemunhos de sua confecção local e da necessidade eminente do fabrico de objetos. Isso é detectado ainda mais pela exploração e aquisição da matéria-prima, arenito silicificado, quartzito, sílex e quartzo, que se encontra distante da área de habitação e de seu transporte ao abrigo rupestre uma vez selecionada, mas ainda em estado bruto. Nesses locais com evidências manifestas de atividades cotidianas nota-se que houve o preparo dos utensílios pelos restos conservados nos

solos habitacionais configurando as etapas de lascamento para a confecção e reparação de seus utensílios (SILVA, 2006).

A conjugação desses vestígios líticos e cerâmicos em Ferraz Egreja é forte e está associada a outros vestígios, hematitas trabalhadas, carvões espalhados, tições de grande tamanho (lenhas de 60 por 15cm) e fogueiras bem estruturadas com arranjos de pedras areníticas locais.

Num espaço de 150 m<sup>2</sup> escavado por decapagens naturais, foram identificadas superposições de ocupações revelando que para cada período de permanência no abrigo pelo menos uma estrutura de combustão bem organizada existia. A frequência no abrigo pode estar ligada às estações do ano, mas não houve tempo de se constituir uma espessura de sedimentação estéril entre os vestígios situados na parte mais interna do abrigo. A separação das camadas formadas por sedimento homogêneo arenoso (BENABDELHADI, 2005) se faz na parte mais ocupada, mais externa do abrigo, seguindo uma leve declividade em direção ao riacho e que acompanha a declividade da base rochosa, a laje.

As datações por 14C (FONTUGNE; HATTÉ; NOURY, 2005) corroboram a afirmação de uma frequência regular no abrigo, sem importantes fases de abandono.

Os sítios a céu aberto localizados às margens do rio Vermelho, como Fazendinha, Jatobá, Turbina e Baia, são sítios com ocupações de povos quase que exclusivamente ceramistas. Seus vestígios são superficiais e correspondem provavelmente a aldeamentos com as instalações de cabanas espalhadas por centenas de metros e mesmo até 2 km, como é o caso de Fazendinha. As diversas ocupações não foram encontradas estratificadas nos locais escavados, mas se distribuem separadamente por toda a área. Datadas, tanto através de carvões, por radiocarbono, como por termoluminescência, pelas cerâmicas, as idades são por volta de 300 a 650 anos BP (FIGUTI, 2005). Verificou-se que, nesses sítios, os rupestres e os a céu aberto, há uma diversidade nas confec-

ções das cerâmicas, dessas diferenças ou semelhanças chega-se a definir afinidades particulares entre um sítio a céu aberto e um de outro abrigo rupestre de período com cerâmica (MONTEIRO, 2006); No entanto, torna-se determinante a distinção entre abrigos e sítios a céu aberto no que se refere ao material lítico. De fato, não é o período cronológico, não é a aptidão ao lascamento, nem a presença da cerâmica que afetam o comportamento de confeccionar os utensílios de pedra dos habitantes da Cidade de Pedra. Mas é a localidade, a escolha do espaço habitacional, sítios em ambientes fechados (abrigo) ou sítios ao ar livre (a céu aberto) e voltados para o eixo da comunicação pelos rios, que vai orientar seus moradores para uma economia de subsistência que vai provocar a necessidade ou não de lascas.

Se nos abrigos estudados, Vermelhos e Ferraz Egreja, existe uma continuidade de lascamento que atravessa os períodos antes e durante a cerâmica (até 200 anos atrás), esse fenômeno não se produz nos sítios ribeirinhos a céu aberto. Aí a presença de objetos lascados é reduzida; é mais comum encontrar artefatos polidos, como mãos de pilão, lâminas de machado e adornos, tembetás. Pelas áreas escavadas, não se notam espaços dedicados ao lascamento. As fragmentações de rochas e lascas ocorridas no sítio são testemunhos de um trabalho grosseiro de rápido debastamento para a obtenção de um utensílio polido ou parcialmente polido.

A escolha de utensílios foi fundamental para as atividades econômicas de qualquer grupo humano. A diferenciação estabelecida de confecção de utensílios líticos praticada nos sítios em abrigo e nos sítios a céu aberto, nas mesmas épocas cronológicas, indica que as atividades não foram as mesmas.

Duas hipóteses de igual importância são levantadas:

- Seriam os mesmos grupos com moradias diferentes, de acordo com suas atividades temporárias, entre caça e agricultura?

ou

- Seriam grupos distintos que, apesar de contatos necessários entre êles, mantêm seus estilos de vida, seus comportamentos de subsistência bem demarcados?

De qualquer forma, seja uma seja outra hipótese, foram constatados modos de vida do cotidiano que seriam bem diferentes entre os dois grupos, os moradores de abrigos e os moradores de terras planas às margens de rio dos sítios a céu aberto.

## 5 Arte rupestre

A distância real que existe entre Santa Elina e a Cidade de Pedra não é grande, pois são cerca de 250 km, mas existem diferenças de paisagem e de culturas. O período do Holoceno recente (os dois últimos milênios) as diferencia quanto à presença (Cidade de Pedra) e ausência (Santa Elina) de ocupações. As representações rupestres dessas regiões são claramente muito diferentes.

As representações rupestres presentes nos sítios em abrigos podem ser semelhantes, o que corresponde a uma identidade simbólica comum (social), ou, ao contrário, bem diferentes quando pertencem a sociedades distintas. Santa Elina e Cidade de Pedra são dois mundos distintos também sob esse aspecto, e quase tudo os separa, tanto pela técnica como pelos temas.

Em Santa Elina, com mais ou menos novecentas representações, prevalece uma grande variedade de meios de expressão, pintura em tinta uniforme, desenho a traço com cores diversas, vermelho, violeta, laranja, amarelo, preto e também picoteamentos. Os temas são bem diversificados, com representações de grande variedade de animais, geralmente em movimento, com seres humanos e sinais de características simples, comuns a qualquer local, como pontuações. Existem também representações monstruosas, imaginárias, nem animais-nem humanas,

umas de grande tamanho (mais de 1 metro de comprimento).

Na Cidade de Pedra, com mais de cem abrigos rupestres e cerca de três mil representações, prevalece a técnica de desenhos a traço e com temas geométricos. É possível também distinguir a presença preponderante de gravuras em abrigos próximos do rio, situados em nível mais baixo em relação aos abrigos com pinturas que se encontram nos patamares superiores.

Seriam as questões relativas à cronologia e com isso um modo de vida e de cultura que distinguiriam esses povos? Os estudos da Cidade de Pedra mostram que há uma coerência entre certos tipos de temas, como os círculos concêntricos, os círculos feitos de pontuações e acoplados a outros círculos e de motivos específicos, como emblemas clânicos, que circunscrevem claramente identidades territoriais de frequência de uma mesma população. É claro também que existiram várias fases de realização das representações, que sugerem, por um lado, desde mudanças nas escolhas simbólicas consecutivas a trocas de ocupações territoriais e, por outro lado, diferenças entre as repartições espaciais das ocupações territoriais. No abrigo Santa Elina, três ou quatro fases podem ser distinguidas, o que significa mudanças de grupos morando no mesmo abrigo. Em Santa Elina, as fases se sucedem necessariamente no tempo (com lacunas ou não); na Cidade de Pedras, fases distintas podiam ocorrer no mesmo período, devido às ocupações contemporâneas em diferentes abrigos.

É principalmente pela arte rupestre que se poderá reconhecer grupos culturais, suas filiações e seus territórios, quando associada, evidentemente, aos elementos discriminantes de seus *habitat*.

## 6 Conclusão

Devido às diferenças tão marcantes entre as áreas desses sítios e às próprias características dos sítios não é possível estabe-

lecer entre eles analogias, nem sucessões ocupacionais. Mas nesse lapso de tempo determinado pela cronologia dos povoamentos na região, fica registrada uma presença humana em continuidade. Correspondem a espaços geográficos que foram atravessados e frequentados durante milênios, desde o Pleistoceno.

É de se notar que os fatores de preservação dos vestígios e a qualidade desses *habitat* possam configurar ocupações em espaço por populações tão distintas. A ausência, na Cidade de Pedra, de povoamento pleistocênico não é de surpreender, devido ao caráter totalmente excepcional de Santa Elina em relação a todo o Planalto Central brasileiro e ao continente sul-americano. Questões importantes de circulação e penetrações em todo o espaço geográfico são totalmente plausíveis para os outros períodos do Holoceno. No entanto, também se manifesta aí uma singularidade para a região e que pode ser o ocaso da pesquisa local. Em Santa Elina, não há de fato reais ocupações ceramistas e nem ocupações dessa época recente do Holoceno. Enquanto na Cidade de Pedra a densidade de povoamento é notável pela presença dessas ocupações ceramistas que sucederam as ocupações do Holoceno médio. Elas podem também corresponder às ocupações que se perpetuaram na região desde períodos pré-ceramistas, detectados a partir de 7000 anos BP. A proximidade de *habitat* em abrigo e *habitat* a céu aberto, entre 3 e 15 km na Cidade de Pedra, confere a esses sítios, quando ceramistas, uma característica particular: a de separar e diferenciar populações pelos seus modos de vida, apropriados a um tipo de localização.

Os *habitat* rupestres dessa Região Central da América do Sul, situados nas fontes dos grandes mananciais, a Bacia Amazônica, em direção ao norte, e para o sul, a Bacia Platina, encontram-se em posição privilegiada para as instalações de povoamentos humanos e suas várias vagas de deslocamentos.



## Referências

ALVARENGA, C. J. de S. Contexto geológico da Serra das Araras. In: VIALOU, Á. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

AUBRY, T. Geologia. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

BENABDELHADI, M. Cidade de Pedra – Ferraz Egreja. CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13., 2005, Campo Grande, MT. **Anais ...** Campo Grande, MT: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. Santa Elina - Estratigrafia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13., 2005, Campo Grande, MT. **Anais ...** Campo Grande, MT: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005.

BLANCHOT, H.; AMENOMORI, S. N. Levantamento dos vestígios vegetais do abrigo rupestre de Santa Elina. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

CARTELLE, C. A preguiça-terrícola de Santa Elina. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

CECCANTINI, G. C. T. A cobertura vegetal associada ao abrigo rupestre. In: VIALOU, Á. Vilhena. (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

CECCANTINI, G. C. T. **Madeiras arqueológicas do abrigo rupestre Santa Elina MT**. 2002. 130 f. Tese (Doutorado em Botânica)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. 1 CD-ROM.

DE BLASIS P. A. D. Abrigos Vermelhos: hábitat. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

\_\_\_\_\_. Abrigos Vermelhos, Mato Grosso. Premiers résultats. **L'Anthropologie**, Paris, t. 101, n° 3, p. 546-552, 1997.

D'ERRICO, F.; VIALOU A. Vilhena. Reduction sequences of colorant materials: the rock art site of Santa Elina (Mato Grosso, Brazil). **Rock Art Research**, Melbourne, v. 24, n. 2, p.181-190, 2007.

FALGUÈRES, C. O. método por urânio-tório (U-Th). In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina 1).

FEATHERS, J. Datação por luminescência óptica estimulada. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

FIGUTI, L. A arqueofauna do sítio de Santa Elina: nota preliminar. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a distribuição da megafauna em Santa Elina. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

FIGUTI, F.; MONTEIRO, L. C. Aldeias e abrigos: sítios a céu aberto na Fazenda Verde. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 12., 2005, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005. p. 7.

FONTUGNE, M.; HATTÉ, C.; NOURY, Cl. Quadro cronológico. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

\_\_\_\_\_. Quadro cronológico. In: VIALOU, A. Vilhena. (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

KAMASE, L. M., 2005. As estacas de madeira. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

MARTINS, G. R., 2005. Resumo do conhecimento acumulado sobre o passado arqueológico do processo de povoamento humano no Centro-Oeste do Brasil. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

MILLER E. T. Pesquisas arqueológicas paleoíndigenas no Brasil Ocidental. **Estudos Atacameños**, San Pedro de Atacama, v. 8, p.37-61, 1987. Número especial.

MONTEIRO L. C. **Abrigos e aldeias**: análise dos contextos tecnológicos das ocupações de ceramistas na Cidade de Pedra, Rondonópolis, Mato Grosso. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia.)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PAILLET, P. Abrigos Vermelhos. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

ROSS, J. L. S. Contexto geomorfológico do sítio de Santa Elina. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

SHEEL-YBERT, R.; SOLARI, M. E. Análise dos macrorrestos vegetais do setor oeste: antracologia e carpologia. In: VIALOU, Á. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

\_\_\_\_\_; SOLARI, M. E.; FREITAS, F. de O. Arqueobotânica: integrando indícios sobre meio ambiente, uso de vegetais e agricultura à Arqueologia. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 12., 2003, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005. p. 7.

SCHMITZ, P. I. et al.. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central: Caiapônia. **Publicações Avulsas**, São Leopoldo, n. 8, p. 334, 1986.

SILVA, V. C. Ferreira e. **A exploração dos recursos litológicos na região da Cidade de Pedra**, Rondonópolis – MT. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TAVEIRA, E. L. de M. Análise do material de fibras e palhas vegetais trabalhadas. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

VALLADAS, H. Aplicação do método por carbono 14 em espectrometria de massa por acelerador. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

VIALOU, A. Vilhena; VIALOU, D. Abrigo pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso; habitats e arte rupestre. **Revista do Instituto de Pré-História da USP**, Sao Paulo, v. 8, p. 34-53, 1989.

\_\_\_\_\_. Hábitat e cronoestratigrafia. In: \_\_\_\_\_. **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

\_\_\_\_\_. Santa Elina, fouilles dans un abri rupestre du Mato Grosso, Brésil. **Bull**, [S.l.], t. 84, n.10-12, p. 407-410, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

VIALOU, A. Vilhena; VIALOU, D. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

\_\_\_\_\_; AUBRY, T; BENABDELHADI, M. et al. Découverte de Mylodontinae dans un habitat préhistorique daté du Mato Grosso (Brésil). L'abri rupestre de Santa Elina. **C.R. Acad. Sc. Paris**, Paris, t. 320, s. II a, p. 655-661, 1995.

\_\_\_\_\_; DE DEBLASIS, P. A. ; FIGUTI, L. ; PAILLET, P., VIALOU, D. Art rupestre et habitats préhistoriques au Mato Grosso (Brésil). In : CHEVALLIER, A. ; VELLARDE, L. ; CHENAL-VELARDE, I. (Ed.). **L'Amérique du sud** : des chasseurs-cueilleurs à l'Empire Inca. Oxford, UK : Archeopress, 1999. (BAR International series 746).

VIALOU, A. V. ; DE DEBLASIS, P. A. ; FIGUTI, L. ; PAILLET, P., VIALOU, D. Santa Elina rockshelter, Brazil: evidence of the coexistence of man and *Glossotherium*. In: MIOTTI, L.; SALEMME, M.; FLEGENHEIMER, N. (Ed.). **Where the south winds blow**: ancient evidence of Paleo South America. College Station: CSFA, 2003.

\_\_\_\_\_. Territórios, meios ambientes e culturas pré-históricas na Cidade de Pedras, Mato Grosso. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 12., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

VIALOU, D. A arte rupestre da Cidade de Pedra. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: EDUSP, 2006. (Cidade de Pedra, 2).

\_\_\_\_\_. Representações rupestres. In: VIALOU, A. Vilhena (Org.). **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2005. (Santa Elina, 1).

\_\_\_\_\_. Santa Elina, MT, Diachronie et synchronie du dispositif pariétal. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 12., 2003, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Symbolique rupestre et cultures préhistoriques au Brésil. In: GUILAINE, J. (Dir.). **Arts et symboles du Néolithique à la Protohistoire**. Paris: Editions Errance, 2003.

\_\_\_\_\_. Territoires et cultures préhistoriques: fonctions identitaires de l'art rupestre. In: KERN, A. A. et al (Ed.). **Sociedades Ibéro-Americano**: reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. Un nouveau site rupestre au Mato Grosso, l'abri Ferraz Egreja. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. XXXIX, p. 39-53, 1983-1984.

VIALOU, D.; VIALOU, A. Vilhena. Modernité cérébrale – Modernité comportementale de homo sapiens. **Anthropologie**, Brno, v. XLIII, n. 2/3, p. 241-247, 2005.

WESOLOWSKI, V. Cidade de Pedra, MT. O espaço funerário da Caverna do Cipó, Nota prévia. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 12., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

WÜST I. A pesquisa arqueológica e etnoarqueológica na parte central do território Bororó; primeiros resultados. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 30, p. 21-36, 1987.

Recebido em: 23 de janeiro de 2008.

Aprovado em: 1º de março de 2008.

